
O movimento da coluna prestes como um falso sísifo: A alegoria histórica de ineficácia da coluna na formação republicana do Brasil¹

**Karla Beatriz de Melo Lima
Lucas Gomes
Ronald Cavalcante Castelo Branco²**

Resumo: O artigo evidencia a importância da Coluna Prestes para o Ensino de História e o seu entendimento para compreensão republicana do Brasil, discorrendo sobre a problemática da negligência historiográfica de diversas narrativas sobre a Coluna Prestes e de seus sujeitos no Ensino de História do Brasil, assim demonstrando os impactos históricos da Coluna na formação republicana e sua devida importância para a sala de aula. Diante a problemática, elaboram-se conceitos de desconstrução do mito “sisifiano” acerca da Coluna Prestes, através das abordagens dos estudos de Mateus Xavier Fernandes sobre os impactos nas relações internacionais ocasionados pelo movimento da Coluna³, bem como diversos estudos pedagógicos para o engajamento metodológico para o ensino da Coluna Prestes dentro de sala, dentre os quais, destaca-se os estudos de Elídio Sérgio Budziacki sobre o uso pedagógico da Coluna Prestes, bem como as diversas abordagens e resultados⁴. Assim sendo, o artigo se evidencia nas abordagens sobre os sujeitos da Coluna e os paradigmas historiográficos em cima desses sujeitos; as disputas de narrativa que se sujeitam a uma dicotomia: ora se acentuam para vileza, ora para “heroificação” da Coluna; e por fim, a desconstrução do mito de ineficácia da Coluna e o seu devido reconhecimento de impacto na formação republicana, ressaltando o seu uso dentro de sala de aula.

Palavras-chave: Coluna Prestes, Sísifo, formação, República, mito, pedagogia, ensino

Abstract: The article highlights the importance of the Prestes Column for the Teaching of History and its understanding for republican understanding of Brazil, discussing the problematic of the historiographical neglect of several narratives about the Prestes Column and its subjects in the Teaching of History of Brazil, thus demonstrating the historical impacts of the Column in republican formation and its due importance to the classroom. Given the

1. Empréstimo conceitual do historiador francês Paul Veyne que afirma com clareza que “[...] o leitor mergulha numa atmosfera alegórica se, como diz Musil, se entende por alegoria o estado de espírito em que todas as coisas tomam uma significação maior do que na realidade merecem.” (VEYNE, 1998, p. 99). A Coluna Invicta ainda se vê diante uma alegoria histórica de ineficácia quanto as demonstrações de seus impactos sociais e históricos, o que se torna verídico pelos seus diversos impactos e sua importância para formação republicana, tanto nas lutas da década de 20, quando no pós-Vargas em 1945.

2. Graduandos em Licenciatura em História pela UFPI. E-mails: melokarlabeatriz@gmail.com; lucasglucas5@gmail.com; ronaldcastelobranco@hotmail.com, respectivamente.

3. XAVIER, Mateus Fernandez. A Coluna Prestes e seus impactos nas relações internacionais do Brasil. Revista Crítica Histórica, Maceió, Ano V, nº 9, julho/2014. Acesso em 18 nov. de 2021.

4. BUDZIACKI, Elídio Sérgio. A Coluna Prestes: desafios e resultados. Revista Dia a Dia Educação. Curitiba, 2006.

problem, it is elaborated concepts of deconstruction of the myth "sisifian" about the Prestes Column, through the approaches of the studies of Mateus Xavier Fernandes on the impacts on international relations caused by the movement of the Column as well as several pedagogical studies for the methodological engagement for the teaching of the Prestes Column in the classroom, among which, the studies of Elídio Sérgio Budziacki on the pedagogical use of the Prestes Column, as well as the various approaches and results. Thus, the article is evident in the approaches to the subjects of the Column and the historiographical paradigms on these subjects; the narrative disputes that are subject to a dichotomy: sometimes accentuate to vileness, sometimes to "heroification" of the Column; and the deconstruction of the myth of ineffectiveness of the Column and its due recognition of impact on republican education, emphasizing its use within the classroom.

Keywords: Prestes Column, Sisyphus, formation, Republic, myth, pedagogy, teaching

Introdução

O mito de Sísifo diz respeito a um personagem da mítica grega que foi condenado pelos deuses a rolar uma pedra até o topo de um desfiladeiro e vê-la despencar do mesmo. Ficou conhecida pelo trabalho do filósofo argelino Albert Camus (1913 – 1960) e sobre o pessimismo do absurdismo filosófico, no qual, as significações humanas a existência eram um trabalho inútil, desnecessário, cíclico, onde afirma que

Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança. (CAMUS, 2019, p. 97).

Dessa maneira, o que se problematiza é essa alegoria de inutilidade que se enxerga na Coluna Prestes, que não houveram impactos, e por isso se negligencia o estudo de seus sujeitos, de suas narrativas, bem como é limitada a sua abordagens dentro de sala e em livros didáticos. Como um movimento que percorreu cerca de 25 mil quilômetros, não produziu substância em nada? Como uma coluna que desafiou o governo, migrando até no estrangeiro, não produziu causa-efeito? Alguns trabalhos demonstram o contrário.

Primeiramente, se adota uma linha de identificação de negligências históricas tanto dentro da análise de narrativas quanto pela evidência de seus sujeitos, para que se entenda e se postule a visibilidade de contextos silenciados. Em seguida, desenvolve-se as disputas de narrativas e seus espectros, que beiram entre a personificação da vileza até a "heroificação" da Coluna e de certos sujeitos, principalmente, Luís Carlos Prestes. E por último, vê-se uma analogia diante as problemáticas, tendo em vista, a contextualização e refutação da ideia do "mito de ineficácia" e do pensamento metodológico da Coluna como "um Sísifo republicano".

Em suma, em todas exposições de paradigmas e analogias, se levanta a importância da didática e contextualização da Coluna Prestes no Ensino de História do Brasil⁵, em muito

negligenciado em livros didáticos, evidenciando, principalmente, a sua importância na formação republicana, nas disputas políticas e impactos sociais no Brasil, e criando uma consciência correlata ao presente, também palco de lutas sociais e civis.

Portanto, se faz de suma importância essa abordagem, para que não se limite a uma ideia do passado, mas como consciência do presente e entendimento da concepção pelos estudantes de quem são atores históricos, responsáveis por suas histórias e pelas lutas de seu tempo.

A Coluna e sua importância para formação republicana

A Coluna Prestes foi o movimento, de modo majoritário, desferido pela baixa oficialidade do Exército Brasileiro e de algumas forças auxiliares, ou seja, de modo geral se deu nas camadas mais baixas do Exército que eram contrárias as ordens vigentes dentro do cenário político e social da década de 1920, e principalmente, eram contrários a eleição de Arthur Bernardes (1875 – 1955) que assumira em 1922 a presidência do Brasil. Sua repressão intensa à baixa oficialidade, resultou na queda de sua popularidade, que se deu também com a prisão de Hermes da Fonseca em 1922⁶.

Nessa década de 1920, uma série de medidas descontentavam os militares, principalmente, na baixa oficialidade, que entendia o Exército como força de atuação política e, queria sua modernização e a consolidação da ideia de unidade. A nomeação de um civil para o Ministério da Guerra em 1922, descontentaria ainda mais a baixa oficialidade.

Nesse clima de descontentamento se formou a Coluna, que exigia a queda do presidente Arthur Bernardes, bem como provocar mudanças na estrutura social, política e econômica na época, ou seja, não existe um vácuo de propósito e indagações sociais, queriam mudanças no voto, investigação à fraudes eleitorais e também dialogaram com as camadas médias urbanas. Com a formação da Coluna após a Revolta Paulista e Gaúcha de 1924, e sua junção em 1925, começou-se um movimento que atravessara quase todo o Brasil, onde fontes afirmam uma variação de 20 mil a 33 mil quilômetros, ou seja, uma das maiores marchas militares do mundo.

O seu impacto não foi tão profundo quanto a Grande Marcha na China, de Mao Tsé Tung (que percorreu cerca de 9 mil quilômetros), que consolidou o socialismo na China, e não foi extremamente difundida no ocidente, mas, limitar a Coluna a tese de ineficácia é lançar seu movimento histórico a uma alegoria, onde a realidade de não efetivação da derrubada de Arthur Bernardes (um dos focos da Coluna) lhe caracteriza como ineficaz.

Em contrapartida, o que dizer dos diversos impactos sociais e confrontos militares, no qual, suas tropas saíram invictas? Os impactos nas relações internacionais do Brasil, demonstrado pelo

5. "Além disso, cabe ressaltar que tal tema merece uma melhor atenção, pelo referido vulto que o mesmo representa, uma vez que o assunto aparece como uma simples referência da radicalização da baixa oficialidade, como representação de uma emergente pequena-burguesia, ou se preferirem, das chamadas classes médias urbanas." (SOUZA, 2010, p. 83).

6. Se deu pela desobediência de ordens para repressão de rebeliões no Recife no mesmo ano. Essa prisão gerou revolta entre os militares e descontentamento, o que gerou diversas represálias como o movimento do forte de Copacabana, como também na formação do movimento tenentista em várias partes do Brasil, que desferiam a Revolta paulista em 1924 e a formação da Coluna Prestes em 1925, com a junção das forças gaúchas e paulistas.

estudo de Mateus Fernandes Xavier⁷? E os Brasís evidenciados a estes sujeitos? E o questionamento das ordens civis? Como certos sujeitos são evidenciados e outros não? Quais disputas de narrativas e do poder de fala historiográfica?

Portanto, é preciso trazer essa consciência histórica e reparo historiográfico para dentro de sala, é necessária uma abordagem epistemológica e crítica quanto ao livro e as negligências das narrativas. É essencial o questionamento desta “alegoria sisifiana” trazida a Coluna Prestes para dentro do Ensino de História do Brasil, como evidencia os estudos de Elídio Sérgio Budziacki⁸, onde se problematiza a importância metodológica e didática do ensino da Coluna Prestes para alunos da rede básica de Ensino.

A negligência dos sujeitos históricos, limitando a Coluna a certos personagens como Luís Carlos Prestes

Embora o crescente uso de uma historiografia renovada no ensino da História, ainda se predomina alguns aspectos tradicionais na Educação Básica brasileira, principalmente, no que concerne há uma exploração exagerada da memorização e uma abordagem da História em seu valor exclusivamente informativo, descartando o aspecto construtivo.

Com base em análises da abordagem de conteúdos em alguns livros didáticos utilizados na rede pública e privada de ensino, do nono ano do ensino fundamental, fica evidente o seu caráter meramente informativo ao tratar o assunto da Coluna Prestes. Cabe aqui destacar a Coluna Prestes como foco de pesquisa, bem como sua abordagem na Educação Básica no que tange a sua ênfase no livro didático, recurso fundamental da aula.

Dessa forma, a análise da abordagem desse conteúdo demonstra algumas permanências do ensino tradicional da História, tendo em vista seu caráter pouco construtivista, apresentado como verdade pronta e acabada (uma espécie de cartilha), no qual, resume-se em pouco menos que uma página. Nesse sentido, partindo do pressuposto que o professor utilize apenas o livro didático como recurso metodológico, pouco será discutido a respeito de tal conteúdo.

Ademais, o silêncio em torno de alguns sujeitos negligenciados na história da Coluna Prestes também são frutos de um ensino tradicionalista. Vale ressaltar que não se pretende atribuir um caráter negativo ao ensino tradicional, nem muito menos negar a sua importância, mas mostrar as suas deficiências no que tange ao ensino de História.

Segundo a perspectiva construtivista sociointeracionista, o conhecimento é uma construção interna do sujeito estimulada por condições externas criadas pelo professor. Para a construção desse conhecimento é importante explorar o conteúdo em uma dimensão que aproxime o aluno daquilo que dirige o método histórico.

7. Mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (2011), mestrado em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco (2011), graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2004). Diplomata de carreira, trabalha atualmente em Brasília.

8. Licenciado em História e Geografia – Faculdades Integradas Espírita. Especialização em Magistério Superior – UTP. Professor do Ensino Fundamental e Médio da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e concluinte do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE).

Portanto, não se pode criar ou construir sem a associação de conhecimentos internos já consolidados pelo sujeito da aprendizagem, por isso é de tamanha relevância que o conteúdo esteja o mais próximo possível da realidade do aluno. É importante também a compreensão do significado das datas, conceitos ou nomes e não meramente decorá-los. É nesse sentido que Antônio Esclarín afirma que:

A escola gira e gira em um mundo irreal e sem importância, de conhecimentos mortos, em que o saber, em vez de ser capacidade para viver com maior plenitude, é concebido como acúmulo de dados desconexos, datas, conceitos, fórmulas, números... recital de um rito sem sentido. Só educaremos para a vida se a escola, os programas, os conteúdos estiverem imersos na realidade e na vida cotidiana do aluno, de sua família, do bairro, do povoado, da cidade, do país. O autêntico planejamento parte da experiência, dos saberes, dos sentimentos e das necessidades dos alunos, de tal modo a mergulhar a prática escolar na prática social cotidiana de sua vida. Abramos à vida os portões e as janelas das escolas. Deixemos que a realidade invada os programas. Não esqueçamos que só é possível preparar para a vida no âmbito da própria vida. (ESCLARIN, 2002).

Nessa perspectiva, o conteúdo a respeito da marcha da Coluna Prestes, além de explicar o movimento deve também despertar a parte sensível dos alunos, tornando a aprendizagem mais próxima de sua realidade e do seu cotidiano, trazendo também o questionamento acerca dos sujeitos silenciados pela historiografia.

Desse modo, é indubitável que, para o desenvolvimento do senso crítico, é necessário o conhecimento mínimo de determinado objeto de estudo, para obter tal conhecimento a abordagem limitada a uma página traz consigo muitas deficiências. Portanto, o primeiro ponto a ser questionado é a brevidade da abordagem do conteúdo da Coluna Prestes nos livros didáticos. Nesse sentido, a principal consequência dessa problemática é o ocultamento de alguns sujeitos históricos importantes para a compreensão do movimento da Coluna.

Para entender a abordagem dos conteúdos históricos é necessário compreender a construção da história brasileira, seus paradigmas e contradições. É importante ressaltar que a cadeira de História do Brasil foi extinta em 1899, tendo seu conteúdo absorvido pela História Universal, apenas a partir de 1942, com a Reforma Capanema ocorre a separação entre História Geral e História do Brasil. Portanto, a história brasileira é abordada em um viés cronológico priorizando a periodização de acordo com a evolução europeia.

Além disso, as primeiras obras da historiografia brasileira são escritas por europeus, tendo como principal impulsionador (na produção da história brasileira na época do Império), Francisco de Varnhagen. Tal compreensão leva a concluir-se que a influência europeia na abordagem dos conteúdos de história é muito clara, sobretudo nos currículos, programas e livros até hoje utilizados. É nessa perspectiva que Vavy Borges afirma que:

Nossa história é a biografia política da nação brasileira, à semelhança das histórias nacionais europeias do século XIX. Sua periodização, Colônia, Império e República, é a trilogia de nossas formas políticas de organização; é essa tripartição que constitui a espinha dorsal de nosso currículo mínimo (exigência do Mec) escolar e universitário, e, a partir disso, das preocupações das editoras. (BORGES, 2007, p. 75).

Ressalta-se que a produção brasileira não é uma mera decorrência das formas de se produzir história europeia, entretanto, não se nega que há muitas semelhanças nesse processo. Ainda sobre a construção da historiografia brasileira, Vavy Borges (2007, p.75) salienta sobre a visão da história que chega ao público através dos livros didáticos, de forma tênue e infrequente, tendo em vista o desinteresse da massa popular pela história brasileira, segundo a autora, “[...] é uma história conservadora, do branco vencedor em sua democracia racial. Seu desenrolar é mostrado sem contradições, incruento, quase sem derramamento de sangue [...]”.

Nesse sentido, é essencial o ensino da Coluna Prestes na Educação Básica de modo a despertar a consciência histórica e social dos alunos, para isso, o uso de diferentes linguagens, como filmes, músicas ou poemas, são indispensáveis para atrair o entusiasmo por parte deles.

Desse modo, um conteúdo separado da vida, do cotidiano, além de despertar a apatia dos alunos, torna-se de difícil compreensão, pois eles terão de decorar uma sequência de fatos, contrariando o entendimento das conjunturas e dinâmicas internas do movimento e as relações dos diversos atores envolvidos.

Dessa forma, a abordagem da Coluna Prestes na Educação Básica ocorre de diferentes formas, visando atender diferentes objetivos, de maneira que não se limite meramente ao caráter informativo. Uma competência específica de história para o ensino fundamental é a compreensão de acontecimentos históricos, relações de poder, processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo em diferentes espaços, para análise e intervenção no mundo contemporâneo⁹.

Nesse contexto, após a exposição do conteúdo da Coluna Prestes, o estudante deverá ser capaz de compreender as variadas maneiras de exercício do poder, de forma múltipla e relacional, tendo em vista a sua presença em todas as relações humanas. Partindo de uma abordagem foucaultiana, o poder é a malha a partir da qual as relações humanas se efetivam, uma via de mão dupla, de modo que, onde há poder, há resistência, portanto, onde se exerce o poder, se constituem também contrapoderes.

Nessa perspectiva, necessita-se a compreensão da formação da Coluna Prestes como um contrapoder, uma resistência ao poder das oligarquias, compreendendo que essa relação não é inerte, mas fruto de um protagonismo de certos sujeitos em busca de apoio as suas causas. Visando, sobretudo a transformação das estruturas sociais, políticas e econômicas, de modo que, objetivavam combater as mazelas e as desigualdades provocadas pela centralização do poder e do coronelismo, derrubando a República Velha.

Analisando o contexto político e social do período anterior e durante a formação da Coluna, é evidente a crise econômica e democrática que passava o país, altas taxas de desemprego, inflação alta e votação precária, no qual apenas 2% da população votavam, exemplificam bem essa realidade.

9. Com base na BNCC, um dos objetivos de estudo do nascimento da República no Brasil é criar condições para o desenvolvimento da seguinte competência “(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil” (BRASIL, 2018). Para saber mais consultar em: <http://basenacionalcomum.mec.gov>.

Com isso, como forma de insatisfação a ordem vigente, eclodem pelo Brasil várias revoltas tenentistas, as duas que darão início a Coluna irrompem em 1924 em São Paulo, sob o comando de Isidoro Dias e no Rio Grande do Sul sob o comando de Carlos Prestes e outros tenentes. Em 1925, os dois grupos se unem dando origem a Coluna Prestes, adotando a guerra de movimento como principal estratégia de combate¹⁰. Perseguidos permanentemente pelo exército, policiais estaduais e jagunços, a marcha da Coluna Prestes percorreu 13 Estados, travando 53 combates sem nunca ser derrotada durante 2 anos e meio, não é à toa que ficou conhecida como Coluna Invicta. Como resultado desse movimento, Raul Carrion afirma que

A marcha vitoriosa da Coluna Prestes pelo interior do Brasil, levando às populações interioranas as bandeiras das eleições livres, do voto secreto e do resgate da moralidade pública, manteve viva a chama da luta contra a República Velha e foi essencial para a vitória, três anos depois, da 'Revolução de 30'. Sem aquela, esta teria sido impossível. (CARRION, 2014, p.17)

Dessa forma, apesar do movimento não ter tido um desfecho vitorioso de imediato, ele foi extremamente importante para pôr em xeque a conjuntura política da República Velha, desencadeando e influenciando outras lutas que desaguaram na Revolução de 30. Portanto, ao abordar o conteúdo da Coluna Prestes de forma eficiente, o estudante será capaz de entender o que é um movimento social e a relação de poder envolvida entre os diversos sujeitos desse processo. Fato que tem sido negligenciado atualmente nos livros didáticos, em função do seu caráter meramente conteudista, onde se nega o viés do construtivismo cognitivo e o trabalho da criticidade e do educando como protagonista do conhecimento.

A partir dessa compreensão, o estudante deverá ser capaz de posicionar-se no mundo contemporâneo, entendendo que assim como os revolucionários, cada sujeito deve posicionar-se em busca de seus ideais, sendo necessário agir, visto que, sujeitos passivos não mudam o meio em que vivem, mas sofrem as mudanças provocadas pelo meio.

É necessário a conscientização dos estudantes de que são atores históricos, e portanto, que ocupem seu lugar na história, assim os alunos refletirão a cerca do papel que querem ocupar na sociedade, entendendo que não estão separados da política e do poder, mas que integram esses meios.

A partir da análise e reflexão do conteúdo abordado acerca da Coluna Prestes, surgem algumas inquietações em torno do silêncio histórico de alguns sujeitos. A primeira indagação a ser feita é: o porquê do movimento levar o nome de Prestes, e não o de Miguel Costa, ou outros tenentes? A segunda inquietação é: como a participação das mulheres são representada na Coluna? É fato que Luís Carlos Prestes se tornou o próprio símbolo da Coluna, por suas estratégias e táticas que possibilitaram inúmeras vitórias, sua genialidade é retratada frequentemente na literatura brasileira, obras como, o Cavaleiro da Esperança (1942) do político e escritor Jorge Amado, por exemplo, teve um enorme alcance e repercussão.

10. A Guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a guerra de movimento. Para nós revolucionários o movimento é a vitória. A guerra de reserva é a que mais convém ao governo que tem fábricas de munição, fábricas de dinheiro e bastantes analfabetos para jogar contra as nossas metralhadoras. (Trecho da carta de Prestes expondo ao General Isidoro Dias Lopes sobre a necessidade de movimentações rápidas das tropas revolucionárias como solução para evitar os combates diretos, visto a diferença brutal de equipamentos bélicos e número de forças entre as forças legalistas e as revolucionárias. (Anita Leocádia Prestes. Uma epopeia brasileira: a Coluna Prestes, p.51).

Em contraponto, Prestes não foi o único a contribuir positivamente para o movimento, embora seu nome seja o mais citado. É problemático como Miguel Costa e outros sujeitos, como Siqueira Campos, Juarez Távora, Cordeiro de Farias, são negligenciados pela literatura política e acadêmica. A lacuna biográfica desses personagens, ajudam a explicar sua invisibilidade. É relevante ressaltar no ensino da Coluna Prestes da Educação Básica a necessidade de construção de uma história plural, que não silencia os diferentes sujeitos. Nessa perspectiva, Budziacki ressalta a importância dessa construção afirmando que:

Numa época crescente de individualismo, cabe-nos importante tarefa que é a de resgatar as inúmeras vozes que não podem ser caladas, obstruídas ou eliminadas. Em cada recanto desse nosso país, outros Prestes se manifestam, atuam, atuaram, desempenharam seus papéis, foram vitoriosos ou encontram-se na invisibilidade discursiva. (BUDZIACKI, 2006, p.19).

Dessa forma, o debate acerca dos sujeitos submetidos a dialética do esquecimento é indispensável, bem como a análise da manipulação da memória, compreendendo de que forma determinados sujeitos são mostrados na narrativa histórica. É nesse sentido que Pierre Nora (1993, p.9) afirma que: “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os tipos de usos e manipulações”.

Nessa perspectiva, é importante trazer o debate para dentro da sala de aula sobre a participação das mulheres na Coluna Prestes e como elas são representadas nesse movimento. Boa parte da narrativa oficial foi escrita por Moreira Lima, secretário da Coluna, ele foi responsável por incluir e excluir o que devia ou não ser dito, portanto, a participação dessas mulheres é representada através do olhar masculino. Percebe-se que a presença delas é marcada pelo viés desclassificador e de inferioridade, atribuído pelo gênero, no pressuposto que a guerra não era o espaço destinado as mulheres, restando a elas, o espaço dos lares.

Desse modo, ao justificar a participação feminina na Coluna, é excluído totalmente suas escolhas políticas e ideológicas, afastando-as do poder e reduzindo sua participação a papéis sociais pré-estabelecidos para o sexo feminino como os de vivandeira, enfermeira, vivandeira-mãe, entre outros. Com base nisso, Maria Carvalho afirma que:

Das demais mulheres que integravam a Coluna, apenas alguns nomes e apelidos grotescos foram objeto de registro, talvez para dar uma nota pitoresca ao relato, mas não para conferir visibilidade histórica. Muitas mulheres tiveram seus nomes citados, mas suas ações foram veladas, entregues ao silêncio e ao esquecimento das memórias que registraram sobre o movimento da Coluna Prestes. (CARVALHO, 2015, p.367).

Por fim, é necessário rever a abordagem da Coluna Prestes no livro didático com o objetivo de proporcionar a construção do conhecimento de forma reflexiva e não meramente informativa. Aproximando os sujeitos históricos a realidade dos alunos, e demonstrando a negligência sofrida até hoje de por esses diversos sujeitos. Impulsionando-lhes também a construir sua própria história, identificando seu lugar no mundo, caminhando assim, para a construção de sujeitos ativos, que questionam, que intervêm na história e que não permitem que ninguém torne-os cativos de um lugar.

Além disso, através da análise desse conteúdo de forma eficiente, o estudante será capaz de

entender a pluralidade dos sujeitos e sua relação na construção da história, bem como as relações de poder envolvidas nesse processo. Para isso, possibilitar as formas de se chegar ao conhecimento através da utilização de linguagens atrativas é essencial e mais ainda, afunilar os critérios de avaliação dos livros didáticos, reavaliando o conteúdo da Coluna Prestes e sua abordagem a fim de cumprir objetivamente, de acordo com a BNCC, a formação do cidadão de forma eficiente e eficaz.

As disputas de imagem da Coluna e a dicotomia entre a vileza e o heroico

Compreender o processo historiográfico do movimento da Coluna Prestes, é de tamanha importância, pois ao longo de sua jornada, a Coluna constituiu-se de proporções populares, de tal modo que se torna essencial para a Educação Básica e sua grade curricular, no entanto, há uma desvalorização quanto as narrativas dos livros didáticos, tornando-se necessário analisar a Coluna e obter o entendimento do movimento na década de 20 no Brasil.

Assim sendo, em virtude da problemática, é essencial que compreendamos as dicotomias da imagem da marcha e de seu principal líder, Luís Carlos Prestes, muitas vezes assimilado a própria imagem da Coluna (levando até seu nome, Coluna Prestes), sendo imprescindivelmente válido a abrangência das discussões sobre as disputas de imagem do movimento que se comporta, ora como vileza, ora como heroica. Além do mais, entender como funciona as relações de conflitos e poder no ensino-aprendizagem da Educação básica da redes públicas e privadas para uma conscientização histórica do passado e dialéticas com o presente.

É cordial ressaltarmos que tal discussão no exato momento não dedica-se ao movimento em sua trajetória ao longo da década 20 no Brasil, mas sobretudo os processos de conflitos narrativos a respeito da imagem da Coluna, como as diversas publicações jornalísticas realizadas de inúmeras proporções.

Nesse contexto, têm-se a compreensão de que os confrontos sobre a dicotomia das narrativas da marcha da Coluna Prestes e de seus principais representantes, como Prestes, ao longo da jornada do movimento são constantemente abordados em incomensuráveis status de rotulagens a respeito à sua imagem, tanto de apoiadores quanto da vanguarda governista, sendo o principal responsável pela perseguição. Anita Prestes afirma com clareza que

Na verdade, a propaganda governista esteve orientada sempre no sentido de difundir uma falsa imagem dos revolucionários, apresentando-os como um bando de facínoras e malfeitores, iguais ou piores aos cangaceiros do Nordeste, conhecidos por deixarem um quadro de terra arrasada por onde passavam. (PRESTES, 1991, p.137)

Além de perseguições realizadas pela vanguarda governista em terra, as incontáveis tentativas de guerrilhas com repressões, havia uma imensa perseguição moral em manobras de destruição da imagem do movimento da marcha, mas sobretudo da degradação, principalmente, do líder do movimento, Luís Carlos Prestes, sendo constantemente perseguido pelas mídias controladas pelo Governo de Arthur Bernardes. A imagem de Prestes e o movimento (que tomou caráter populista ao longo de suas viagens dos 25 mil km percorridos) foi construída pelo Governo através de suas propagandas, como uma imagem de vileza, ou seja, vilões da pátria e da sociedade, desordeiros e contrários à ordem republicana.

Com isso, percebemos que existiam inúmeras relações de conflitos sobre as narrativas ao longo da década de 20 no Brasil, constantemente ocorriam disputas entre ambas as partes da imprensa, tanto pelo lado dos opositores quanto dos governistas, principalmente, objetificando a imagem da Coluna Prestes, estabelecendo e propagando uma ideia pronta. De fato, as corporações jornalísticas tinham a capacidade de influenciar a forma de pensar daquela sociedade, assim construindo ou desconstruindo narrativamente o movimento da Coluna invicta, de maneira que pudessem corresponder aos seus interesses, distorcendo-a ou glorificando a suas vontades.

Em contrapartida, é possível destacarmos que existe uma dicotomia a respeito da imagem da marcha. Anita Leocádia Prestes, ressalta-nos que ao longo dessa realidade, de certa forma ocorriam um estranhamento por parte da população, inclusive quando o movimento transitava entre cidades e comunidades, em decorrência das propagandas difundidas pelo governo, entretanto, ao desenrolar das convivências e das interações, os civis perceberam que a verdadeira natureza da marcha, era inteiramente diferente da imagem divulgada.

Além das convivências também tiveram outros aspectos que foram importante para desmistificar a má imagem que a marcha tinha sido rotulada, como um movimento de rebeldes e desordeiros, logo mais teve a participação diretamente do cronista da Coluna. Lourenço Moreira Lima, responsável por relatar no diário da marcha, de maneira mais formidáveis e encantadora das movimentações, e principalmente com características de exaltação as estratégias utilizadas contra a vanguarda governista, mas sobretudo abrilhantando a imagem e imortalizado os feitos de forma heroica dos “potreadores”, bem como a genialidade do líder, Luiz Carlos Prestes. Sobre isso, Anita Leocádia Prestes afirma com veemência que

Os potreadores se distanciavam, muitas vezes, 30 a 50 léguas do grosso da Coluna, devassando grandes áreas, descobrindo o inimigo onde ele se achava, incomodando-o e trazendo-o sempre de sobressalto, na incerteza da nossa direção. A audácia dos potreadores não encontra nada que se lhe compare. Entravam em vilas e cidades, das quais se apossavam, regressando Passados muitos dias, levando-nos cavalhadas que arrebanhavam combatendo e perdendo companheiros, mas sem nunca desanimar. (PRESTES, 1991, p.136).

Logo, extremamente compreensivo notamos a persuasão que as crônicas escritas por Lourenço, acabou adquirindo uma enorme influência na mentalidade da sociedade, e principalmente pela potencializações nas relações de conflitos a respeito das narrativas sobre a imagem da marcha, e ao longo das passagens percorridas e disseminação das principais idealizações, ocorreram uma oportunidade de propagação de uma outra viés da imagem da Coluna, que conota uma perspectivas intrinsecamente heroica.

Outro ponto importante a destacar, referente a imprensa opositoras que também possibilitaram imensamente uma imagem heroica e exaltadora do movimento com os viés dos meios de comunicação, foram as mídias que existiam, a exemplo de alguns jornais da época como *O Jornal*, *Correio da Manhã* e *A noite* que se autodeclaravam (abertamente) contrários ao Governo de Arthur Bernardes.

Nessa perspectiva, os espaços jornalísticos foram favoráveis ao movimento revolucionário, onde se acentuavam participações constantes em publicações, ou seja, matérias de apoio às causas

dos revolucionários da marcha. O principal responsável por ajudar a construir a imagem heroica, de Luiz Carlos Prestes que outrora assimilava-se a própria imagem da coluna, foi o jornalista e empresário (motivo capaz de dar margem para essa possibilidade) Assis Chateaubriand.

Esse jornalista foi um grande entusiasta da marcha, mas principalmente, por ser opositor ao Presidente Bernardes. Além de ser uma figura muito influente nas questões jornalísticas, será responsável por conseguir positivamente um desenvolvimento na construção de uma imagem positiva, inversa à postulada pela imprensa oficial governista, que era um exemplo de degradação a imagem da Coluna, consistindo até na comparação ao Cangaceiro. Em contraponto, *O Jornal*, o principal apoiador da marcha, liderado por Chateaubriand, responderam as acusações numa publicação e, sobre isso, Júlia Matos afirma com clareza que

O ministro da Justiça, que tanto se preocupa em censurar, não devia permitir a ignomínia dessa comparação. Lampião é bandido, um salteador vulgar, um miserável que assassina para roubar, um degenerado que se fez cangaceiro a fim de dilapidar os bens e tirar a vida de seus semelhantes. O capitão Prestes é um revolucionário, e, enquanto não for julgado por um juiz civil ou um conselho de guerra, faz parte do Exército brasileiro. O raid do capitão Prestes valerá pela tenacidade e pelo arrojo do soldado-menino de 26 anos, bravo, ardente, pugnaz, como decerto o Brasil não tinha visto nada comparável. (CHATEAUBRIAND apud MATOS, 2004, p.187)

Dá-se justamente, a estas perspectivas das disputas pelas narrativas postulantes agregam valores de tamanha importância, que é necessário tomarmos cuidado, pois as maneiras que a discussão desenvolvida, principalmente na dimensão do Ensino Básico, devem ser consideradas aos detalhes dos interesses de como são formulados os ideais da narrativa sob a Coluna Prestes.

Além do mais, os conflitos a respeito da imagem do movimento e de seus representantes, começam a ter um processo idealização sobre a imagem, podendo afetar diretamente a concepção de consciência histórica. Nesse sentido, Jorn Rösen afirma com veemência que

A consciência histórica abre o leque de questões tanto acerca de um passado desafiador quanto sobre uma perspectiva de futuro, afirmativa ou crítica. Essa consciência se enraíza no presente e é portadora de experiências de sua própria evolução temporal, ao pôr questões ao passado e a nutrir expectativas para o futuro. (RUSEN, 2020, p.18)

Quando são estendidas as abordagens como tais problemáticas no processo de Educação, nas vias do Ensino Básico, faz necessário compreender as disputas sobre as narrativas e, efetivamente, proporcionar aos estudantes um momento de reflexão sobre as diversas interpretações da imagem da Coluna Prestes, podendo portanto que os mediadores do conhecimento, os professores, dentro da rede de Ensino em História, estabeleçam medidas pedagógicas na didática de história para proporcionar uma melhor aprendizagem, dando condições para o despertar do entusiasmo de consciência histórica.

É importante perguntar-se a quem são as pessoas que serão os beneficiários sobre essa imagem? quem ganha com a definição da imagem da coluna? Quais são os vieses políticos que a imagem do movimento assume? É necessário compreender quem são as pessoas que vão ser beneficiar com a definição da imagem do movimento, principalmente quando ela assume

característica políticas, pois a existência de duas vertentes que vão constantemente serão disputadas narrativamente, por uma lado, é de interesse do governo a repressão da marcha revolucionária, mas sobretudo a derrubada moralista, o movimento toma características mais social, com propostas de rompimento da ordem estrutural da República Velha, assim como a Margarida de Sousa Neves, ressalta-nos e um governo de “improvisado”, pois consistiam nas permanências de diversas estruturais sócias e políticas do Brasil Império¹¹.

Nesse ínterim, compreendida essas contextualizações, ressalta-se que isso é não vinculado apenas a vanguarda governista. Esses jornais que eram considerados apoiadores do movimento, também possuíam interessantes próprios anexados a cada momento de defesa, e principalmente, nas relações de dispersões e da construção da imagem positiva da Coluna Prestes, que posteriormente serão utilizadas de modo vário pelo O jornal, com objetivos políticos veiculado em diversas propagandas e reportagens, como as declarações da campanha da Aliança Liberal, muito importantes nas eleições em 1929.

Portando, no momento que a imagem é apropriada de uma discussão tanto de oposição ao governo quanto nas oligarquias e vanguardas governistas, posteriormente, difundindo o herói ou distorcendo os valores que o movimento estava abordando ou reivindicando, como as mudanças nas estruturas sociais da antiga República Velha, logo, é possível conciliar as relações de conflitos sobre a narrativa da imagem do movimento, onde é “essa predileção atual dos pesquisadores pelos conflitos e disputas em detrimento dos fatores de continuidade e de estabilidade deve ser relacionada com as verdadeiras batalhas da memória” (POLLACK, 1989, p.4), e essas diversidades de proporções e concepções surgem desde os aspectos sociais até o caráter político, portanto, há uma cultura de apropriação da imagem, mas sobretudo da memória, e principalmente, a distorção da mesma.

Por fim, ao analisarmos as construções e desconstruções que foram incansavelmente disputadas, também podemos assentar que as discussões a respeito da imagem que obtiveram inúmeras proporções como sendo portadoras dos motivos que levam a hostilidade de repressões morais na narrativa histórica, bem como a apropriação, e com os agentes de ambas as partes que estabeleceram uma diversidade de rotulagens, de ora como vileza, ou seja, vilões fortemente divulgados e distorcidos pela imprensa governista, e outrora a imprensa de opositores formularam uma construção constante de uma melhor imagem do movimento, dando-a um caráter positivo, principalmente, a difusão de movimento como heroico.

Assim, no contexto do processo de Ensino Básico, é necessário um espaço para proporcionar discussões a respeito dos conflitos sobre a narrativa da imagem, podendo desenvolver uma consciência história, e uma melhor interpretação com as dicotomia da imagem Coluna Prestes possibilitando uma aprendizagem mais adequada e a construção cognitiva.

11. NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o Século XX. In: **O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)**. Org. FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 12- 40.

Coluna Prestes: mito da ineficácia de impactos no contexto da década de 1920

A Coluna Prestes produziu profundos impactos na realidade do Brasil e de formação republicana, onde se analisa a necessidade a desconstrução da mítica de uma tendência metodológica de enxerga-la na dimensão de ineficácia.

Nesse sentido, assim como Murilo de Carvalho se propôs a desmitificar o mito de um povo bestializado durante a consolidação republicana e Ângela de Castro Gomes se propôs a desmascarar a realidade por trás da mítica do populismo¹², esse trabalho se propõe a arrancar a máscara de Sísifo da realidade da Coluna Prestes, esclarecendo seus impactos na realidade republicana e como isso deve ser devidamente abordado do ponto de vista pedagógico.

As mitologias sociais, como bem evidencia Emília Viotti da Costa, são narrativas construídas e veiculadas ao corpo conceitual das dinâmicas sociais que materializam uma “noção de verdade” dentro da dialética do conhecimento, havendo dicotomias entre a realidade e o mito em si¹³. O mito, até dado momento, se comporta como uma verdade ou ao menos como uma ideia problematizada dentro da construção epistemológica sobre a verdade.

A palavra mito vem do grego *mythos*, no qual, designa uma “narrativa fantasiosa”, algo que não condiz com a verdade imediata, ou seja, uma narrativa que mascara a verdade. Há exemplo de mitologias sociais, ao exemplo do mito da democracia racial, desconstruído por Florestan Fernandes. Havia narrativas de que os africanos durante a escravidão, construíram relações harmoniosas com os escravocratas através das miscigenações, onde essa era o melhor caminho para uma evolução social dos africanos dentro do contexto de consolidação social e de disputas no início da República (claro que construída dentro do contexto das teorias racistas evidenciadas em meados do século XIX e no início do século XX).

Assim sendo, cientistas importantes dentro das ciências sociais como Gilberto Freyre (1900 – 1987) defendiam essa tese e consolidavam esse “mito de democracia racial”. Em contraponto, Fernandes argumentava que as teses eram infundadas, pois, como haveria harmonia nas relações sociais e de poder, se havia tamanhas discrepâncias nos teatros sociais e nos poderes civis controlados pela etnia branca, ocupante da maior parte da vida pública? Era a desconstrução do mito tão efetivo no início do século XX, e ainda sobre isso, Florestan Fernandes afirmou com clareza que

[...] a democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhuma espécie de discriminação, de preconceito, de estigmatização e segregação, seja em termos de classe, seja em termos de raça. Por isso, a luta de classes, para o negro, deve caminhar juntamente com a luta racial propriamente dita. (FERNANDES, 1965, p. 24).

12. Essas mitologias sociais ainda são reproduzidas nas dinâmicas escolares, retratando um Estado totalizante, fora da esfera popular, inegociável às classes populares, que seria acessado por certas classes e sujeitos, demonstrando a inércia do povo no teatro social de lutas civis. Quando Ângela de Castro escreveu *O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito* (1996) para a Revista Tempo desconstruiu o “mito do triunfo do líder maquiavélico”, capaz de anestesiá-los os movimentos dos sujeitos e suas angústias sociais, e ainda domesticá-lo por práticas clientelísticas. Murilo de Carvalho escreveu em 1987, *Os Bestializados* para a Companhia das Letras, se propondo a derrubada do “mito de um povo bestializado”, que assistia “inerte” a formação republicana pelas classes dirigentes sem produzir causa-efeito nela, sendo um sujeito invisível na formação da República, um “bestializado”.

13. “Os mitos sociais, como sabemos, são constantemente criados e destruídos. São uma parte integrante da realidade social e não devem ser vistos meramente como um epifenômeno. Na vida diária, mito e realidade estão inextricavelmente interrelacionados.” (COSTA, 1999, p. 367).

A verdade de uma geração é o mito da seguinte, ou seja, o mito de ineficácia da Coluna Prestes se efetivou como uma “dada verdade” no tempo, tal como o “mito dos bestializados”, “o mito da descoberta do Brasil”, “o mito do populismo”, que funcionaram bem ao contexto de suas épocas, mas já não cabem mais ao nosso presente, já não responde mais as problemáticas levantadas pelo olhar historiográfico do presente, tendo em vista, os diversos estudos correlatos sobre as participações populares em lutas civis e em negociações políticas no início da República brasileira, as lutas sindicais no contexto de governos populares como os de Getúlio Vargas e, mais importante, os estudos que evidenciam os impactos da Coluna Prestes no Brasil.

Nesse contexto, a mitologia de ineficácia sobre a Coluna Prestes deve ser desconstruída, pois o mito substancia um caráter alegórico sobre a efetividade da marcha tenentista, onde se comportaria como um “Sísifo” na formação republicana do Brasil. O “mito sisifiano” cunhado à imagem da marcha, se consolidou dentro de três paradigmas: *o mito de não efetividade, o mito como alegoria da verdade e o mito para uma função pedagógica.*

A primeira tese é o mito de não efetividade da Coluna. Analisando essa perspectiva, o mito da ineficácia se deu numa não efetividade imediata da Coluna Prestes, onde enxerga-se a deposição de Arthur Bernardes como fundamento essencial do sucesso daquele movimento, ou seja, a efetividade do movimento estaria diretamente ligada a ideia de poder, o impacto efetivo estaria tomada do poder, efeito não produzido de fato pelo movimento.

Em contraponto, a efetividade ou não do movimento estaria na tomada efetiva do poder pelo movimento? E as lutas dentro do teatro social? E as suas significativas vitórias contra o Estado oligárquico? E a tentativa de enfrentamento as construções por forças de pressão à posteriori? E a Constituição de 1945 que conseguiu diversos avanços correlatos aos direitos humanos e civis, não estariam efetivando algum impacto?

A efetividade de uma tomada do poder não pode limitar a abordagem historiográfica sobre os impactos de um movimento social, tampouco reduzi-la a ineficácia. Anthony Oberschall retomado por Maria da Glória Gohn afirma com clareza que

A partir de uma abordagem eminentemente sociológica, analisa a organização social da sociedade como resultado de adaptações às inovações tecnológicas, forças econômicas e mudanças populacionais; estuda ainda os esforços coletivos propositivos para formar ou alterar as instituições existentes em função das necessidades e aspirações humanas, concluindo que as reformas são realizadas devido às pressões dos movimentos sociais. Mesmo quando um movimento social não obtém sucesso imediato, seus ideais e metas são adotados mais tarde. (OBERSCHALL apud GOHN, 1997, p. 61).

Ou seja, mesmo que a Coluna Prestes fracassou em efetivar muitas de suas angústias sociais durante a marcha, a posteriori muitos dos sujeitos ingressaram na administração pública do Brasil, e até na atuação política do Brasil. Um exemplo claro disso, foi a efetiva eleição de diversos políticos ligados a essas lutas civis e sua efetiva pressão para elaboração de uma carta magna mais avançada que anteriores no campo dos direitos humanos na Constituinte em 1945¹⁴.

Outro ponto, e bem mais fundamental nessa questão, são impactos de imediato ocasionados pela Coluna que são evidenciados pelo teórico Mateus Fernandez Xavier. Nos seus estudos, ele

levanta os impactos internacionais da Coluna nas relações diplomáticas do Brasil e no controle de informações, onde afirma que

[...] o MRE atuou de forma incisiva, junto aos países em que as informações consideradas perniciosas eram propaladas, desmentindo tais notícias e chegando a solicitar maior controle por parte dos governos dessas nações sobre os jornais que publicavam essas matérias. (XAVIER, 2014, p.32).

Ainda nesse ponto, como um movimento que não produziu causa-efeito e nem temor na República, que é caracterizada como uma “marcha de Sísifo”, pode causar impactos nas relações internacionais do Brasil na região platina? Os estudos de Mateus Fernandes Xavier produzem evidências sobre o controle de informações, havendo choque de informações no estrangeiro e na imagem internacional que o Brasil queria espelhar pelas fontes oficiais, chegando a fatídica notícia da extinção da Coluna em julho de 1925 por uma derrota infligida pelo Major Klinger nos sertões de Goiás¹⁵.

Por fim, um ponto interessante é o impacto na política internacional do Brasil, ou seja, nas relações diplomáticas do Brasil durante o conflito na região platina. Sobre isso, nota-se que a imagem que o governo tentava espelhar do Brasil não condizia com a verdade, chegando a descrença das fontes oficiais. Vê-se também um profundo interesse de algumas diplomacias, como a estadunidense, interessadas em um separatismo da unidade política brasileira¹⁶.

Com isso, houve também interferências diplomáticas de países europeus durante a Revolta Paulista de 1924, ou seja, quando se produziu as primeiras movimentações dos sujeitos da Coluna, onde diversas diplomacias europeias lutaram pelos seus conterrâneos (no caso, os imigrantes) que foram assolados pela guerra civil que efetuar-se na cidade de São Paulo¹⁷.

Em síntese, os impactos da Coluna abrangem o nacional e o internacional, o teórico menciona sobre relações de Brasil e Argentina terem se acirrados por conta da imprensa nacional argentina, o autor efetua estudos também no campo de brigas diplomáticas entre nações europeias para defesa de imigrante no Brasil, principalmente, correlata à indenização pelos empréstimos e confiscos de tropas do governo para luta armada contra a Coluna Prestes.

A segunda tese é o mito como uma alegoria da verdade, ou seja, que seria produzida uma máscara produzida para confundir a realidade, como uma imagem distorcida da realidade (como um

14. “A combativa bancada [...] na Constituinte, tendo Prestes à frente, jogou importante papel na conquista de avanços no campo dos direitos humanos, dos direitos sociais e do direito de greve, [...]” (CARRION, 2014, p. 23).

15. “Exemplos desses fatos e da guerra de informações entre o MRE e os jornais estrangeiros são encontrados em telegrama da Secretaria de Estado para a Embaixada do Brasil em Buenos Aires, de julho de 1925: ‘São inteiramente inexatas notícias aí publicadas sobre pretendidas vantagens obtidas pelos revolucionários na fuga pelos sertões de Goiás. Os bandos comandados por Prestes e Miguel Costa perderam toda eficiência tendo já sofrido vários reveses infligidos pela Coluna governista comandada pelo major Klinger. O governo considera extinta a revolução e desnecessárias novas operações militares, bastando medidas de polícia para acabar de dispersar os grupos que abandonaram Mato Grosso e continuam fugindo pelas zonas despovoadas de Goiás.’ (Pacheco a Toledo, tel. nº. 98, Buenos Aires, 17 de julho, 1925, AHI 208/03/01). É verdade que Bertoldo Klinger impôs sérias adversidades aos rebeldes em sua perseguição, mas afirmar que o governo considerava ‘extinta a revolução’ era subestimar os rebeldes ou querer passar às missões brasileiras no exterior falsa impressão do que ocorria de fato, no interior do país.” (XAVIER, 2014, p. 31).

16. “Pelos telegramas que chegaram à Secretaria de Estado, poder-se-ia imaginar que o embaixador norte-americano, Edwin Morgan, fosse analista comedido em relação às agitações internas do Brasil. [...]Meses antes, quando rebeldes tomaram conta de vários quartéis gaúchos, o embaixador norte-americano torceu para que eles separassem essa unidade da federação do restante do país. Segundo o embaixador norte-americano, o surgimento de uma nação na região do Rio Grande do Sul seria benéfico aos interesses econômicos dos Estados Unidos e à região do Cone Sul. Independentes, os gaúchos constituiriam um país com menos problemas econômicos e sociais que o restante do Brasil e de composição étnica mais próxima da europeia. Para Morgan, o ideal seria o surgimento de uma República que abrangesse os territórios do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Em relatório enviado ao Departamento de Estado, o embaixador norte-americano escreveu que a principal vantagem de uma nação nesses moldes seria que “a rivalidade insensata e ciumenta entre Argentina e Brasil seria diminuída”⁶⁸, garantindo a paz no Cone Sul e resguardando os interesses econômicos dos EUA sobre a região.” (XAVIER, 2014, p. 38-39).

falsificador de quadros) constituída dentro do teatro das classes dominantes (as oligarquias) para inverter a perspectiva de impacto de um movimento que questiona as raízes profundas das desigualdades sociais. Essa tese se embasa, principalmente, pelo contexto da época, onde as classes dominantes que se aliaram a Vargas e distorceram os movimentos questionadores da ordem civil, elencando a Vargas, o prestígio social da Revolução de 1930, numa tentativa de efetivar na sua figura, a alegoria revolucionária e o estágio final da revolução.

A terceira tese é que finaliza essa construção. O mito assume uma *função pedagógica*¹⁸, quando ele assume um caminho e um fim pedagógico. De certo modo, é enxergada uma “verdade” que espelha o mundo real ou como esse mundo se materializa nos discursos historiográficos, se constitui sombras que imitam tão bem a realidade que acaba por mascarar a luz do fato real. Dessa forma, a narrativa de um tempo tornar-se o mito numa realidade futura, já que as mentalidades são imprecisas para um cálculo preciso¹⁹.

Desse modo, a ineficácia da Coluna Prestes foi uma produção de múltiplas narrativas afim de consolidar uma mitologia social, afim de apagar os seus impactos e adestrar historicamente, a história das lutas civis e seus impactos, para que se fosse internalizado apenas a Revolução de 1930 como parâmetro para efetivação da derrubada da tirania oligárquica, e o seu principal agente, Getúlio Vargas. Elencado a isso, têm-se que seu principal nome, Luís Carlos Prestes e muitos sujeitos, entraram em partidos comunistas, marginalizados até hoje²⁰.

Ainda na terceira tese, o mito social têm como finalidade a de um anestésico histórico aos diversos sujeitos que foram silenciados pelos discursos de ordem oligárquica, afim de se obter a manutenção da ordem interna, e de certa forma, por muito se acreditou que a população, que sujeitos da camada média urbana, sem a “pompa social da época” não produziram efeitos na formação republicana, por isso se silenciou as vozes desses sujeitos, e até a Coluna Prestes silenciou dentro do movimento, mulheres e outros sujeitos, tão importantes para lutas civis.

Esse anestésico histórico ainda é aplicado. É preciso que a historiografia se produza no descontínuo, e então, passe por intensa reformulação metodológica e sofra as devidas metamorfoses conceituais, levantando novos paradigmas, e isso deve ser uma abordagem para dentro de sala, afim de que se fomente uma consciência histórica de mundo.

17. “À época, São Paulo tinha grande percentual de imigrantes europeus em sua população, por isso houve elevado número de vítimas de nacionalidade estrangeira. Em treze de julho de 1924, os representantes diplomáticos acreditados nessa cidade reuniram-se com o objetivo de discutir a melhor maneira de protestar contra os bombardeios que estavam prejudicando os interesses comerciais de seus países e matando grande número de seus compatriotas. A quantidade de países presentes refletiu a importância do encontro: do corpo diplomático da cidade, representantes de Itália, Portugal, Chile, Peru, Argentina, Uruguai, Suécia, Dinamarca, França, Bélgica, Estados Unidos, Japão, Espanha, Noruega, Suíça, Alemanha e Inglaterra participaram da reunião. [...] Faziam parte desse grupo os representantes da Grã-Bretanha, John Tilley, da França, Alexandre Conty, da Itália, Pietro Badoglio, de Portugal, Duarte Leite e da Bélgica, barão de Falon. Os cinco membros do corpo diplomático solicitaram que as facilidades de comunicações com seus cônsules, em São Paulo, fossem restabelecidas e que, em caso de bombardeio, a população civil fosse avisada com antecedência, a fim de poder escapar da zona de conflito. O presidente Bernardes prometeu fazer o possível para atender às demandas dos representantes estrangeiros e reiterou sua confiança na restauração da ordem na capital paulista.” (XAVIER, 2014, p. 33).

18. Em uma nota de rodapé na página 35, Francisco de Assis de Sousa Nascimento afirma com clareza que “O Mito possui uma função pedagógica, educativa que promover um processo de aprendizagem de como deve ser a vida em sociedade, a partir de crenças no imaginário, do misterioso, no desconhecido que passa a ser apropriado culturalmente e em quais quer circunstâncias. A função do mito, portanto, é ensinar a pessoa humana a agir melhor, com coerência e virtude.” (NASCIMENTO, 2018, p. 35).

19. “Retomando a palavra de Ernest Labrousse: ‘o social é mais lento que o econômico e o mental mais ainda do que o social?’.” (LABROUSSE apud LE GOFF, 1995, p. 69).

20. “[...] o fato de Prestes ter-se tornado comunista em 1930, ter incitado a Intentona Comunista em 1935 e ter-se transformado em inimigo do regime getulista contribuiu para que tudo vinculado ao seu nome fosse relegado a segundo plano na história do Brasil. Mesmo após a queda de Vargas, o contexto de Guerra Fria da segunda metade do século XX foi outro empecilho para a desideologização da história nacional.” (XAVIER, 2014, p. 25).

Os currículos e livros didáticos se reformularam bastante, existem capítulos especiais sobre africanos, nativos e outros sujeitos que agora dividem as galerias historiográficas com europeus, o que antes era inconcebível. No entanto, ainda muito têm o que se fazer pelo currículo de História do Brasil, é essencial demonstrar aos estudantes que eles são protagonistas do seu contexto histórico e, assim, associá-los a ideia do poder e as lutas do presente.

Há inúmeras abordagens metodológicas sobre o assunto. Num primeiro tópico mostrou-se o silêncio quanto aos sujeitos, e assim, é preciso demonstrar dentro de sala que é preciso que o eu-histórico do estudante seja compreendido por ele próprio, é preciso aproximá-lo das lutas e debates históricos, é preciso que se entenda sua importância no teatro de lutas sociais, assim despertando as influências do passado no contexto do presente e problematizar o “eu” no tempo.

É necessário acender no estudante essas “centelhas de esperança”, ora, se uma Coluna composta pela baixa oficialidade e camadas médias urbanas, se diversos sujeitos ousaram contestar a tirania oligárquica naquele contexto histórico, o que impede esse estudante de reivindicar suas angústias sociais?

Sobre isso, Walter Benjamin afirma com veemência que “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1994, p.224).

Para isso, é preciso desmitificar a Teoria de Sísifo que há sobre movimentos sociais no Brasil, principalmente, na Coluna Prestes. Não há tantos trabalhos historiográficos para essa tentativa, uma grande parcela deles tende a heroificar ou torna-lo vilão, sendo que dentro do Ensino de História do Brasil é preciso de uma dialética do conhecimento²¹ para um embate epistemológico dentro das mentalidades estudantis.

O professor de História não pode trazer um Sísifo ao aluno, que rola pedras em vão, que mudanças não ocorrem nas lutas de classes, que há inutilidade nas lutas civis, essas classes exercem pressão no Estado, exercem força sobre a atuação pública. Para isso, o professor pode se recorrer há uma indagação levantada pela historiadora Ângela de Castro Gomes trazida num trabalho de Antônio Luigi Negro, onde afirma que

No Encontro Nacional da Associação Nacional de História (ANPUH) de 2003, nos debates em seguida às palestras, Ângela de Castro Gomes, em réplica a um dos presentes (que chamara o sindicalismo peronista de pelego), perguntou: Se os escravos faziam o diabo, por que não os trabalhadores? Com essa interrogação, Ângela de Castro Gomes se referiu ao avançado estágio dos estudos em história social que, para resumir, de coisificaram o lugar dos negros e dos escravos na história do Brasil. Esses estudos mostraram que o paternalismo senhorial – no campo ou na cidade, no privado ou na esfera pública, na casa-grande ou na lavoura, no sobrado ou nas ruas – podia ser negociado e carcomido. Mostraram, em segundo lugar, que isso podia acontecer tanto no cotidiano ordinário quanto desafiado em excepcionais lances de envergadura e ousadia (os quais eram urdidos durante o dia-a-dia de pessoas comuns). (GOMES apud NEGRO, 2004, p. 13-14).

21. “Dialética era, na Grécia antiga, a arte do diálogo. Aos poucos, passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão.” (KONDER, 2008, p. 7).

Ora se até na escravidão, os sujeitos *endiabravam* o teatro de lutas civis mesmo com a legalização dessa prática, mesmo com a defesa do escravocrata, por que não uma tal Coluna Prestes que saiu invicta por todo o país, desafiando a ordem da tirania oligárquica? Nessa problemática, o professor pode acentuar e problematizar o protagonismo juvenil, trabalhar em conjunto com outros professores e pedagogos para se criar maneiras de atuação política.

Há alguns trabalhos que demonstram uma abordagem pedagógica da Coluna Prestes dentro do contexto do Ensino de História do Brasil. Um deles, é o trabalho de Elídio Sérgio Budziacki, que fala sobre as pluralidades de abordagem dentro de sala, da importância da Coluna Prestes, no qual, se deve contextualizar por meio da Geografia, da Literatura, dos grupos de estudos, enfim, por diversas formas de atuação. Em síntese, é preciso a constituição e compreensão de micro histórias para a constituição de uma macro história política²², é preciso entrar na dinâmica do micro, de como os sujeitos se comportam diante o seu contexto, de como suas angústias fizeram com que problematisassem o seu presente, o seu eu-histórico. Sobre tal conceito, Budziacki afirma que

O trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar sua própria historicidade e identidade, ajudando a gerar atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano do aluno, além de ajudá-lo a refletir acerca da realidade local. (BUDZIACKI, 2006, p. 4)

Portanto, repensando o mito da ineficácia e evidenciando as dicotomias sobre a narrativa da Coluna Prestes, onde se cria um protagonismo juvenil, um contexto para consciência histórica da ideia de atuação histórica em nossos jovens, demonstrando que as lutas civis são muito importantes e que o presente é também de lutas históricas, e muitas vezes, são negligenciados os seus sujeitos e suas narrativas, por exemplo, movimentos estudantis contra o aumento de tarifas abusivas do transporte coletivo, greves de caminhoneiros, o MST (muito criticado por camadas sociais do Brasil), entre outros.

Conclui-se que o Ensino de História do Brasil e a tese de desmitificação da ineficácia da Coluna Prestes é importante para compreensão do presente²³, sendo contextualizado uma consciência de protagonismo no presente, de modo que, os estudantes compreendam sua atuação como protagonistas no teatro da História.

Conclusão

Desse modo, o papel de evidenciação dos sujeitos no presente trabalho mostra as pluralidades e distorções nos personagens da Coluna e da atuação política no contexto de 1920 e à posteriori, uma outra forma de análise é o de reparo historiográfico às injustiças do tempo e dos historiógrafos que escreveram a Coluna Prestes à luz de Luís Carlos Prestes, que foi de suma importância, no

22. "O estudo da localidade ou da história regional contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de se ver mais de um eixo histórico na história local e na possibilidade da análise de micro-histórias, pertencentes a alguma história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades." (SCHMIDT, 2004, p.113).

23. A BNCC aborda que "Por todas as razões apresentadas, espera-se que o conhecimento histórico seja tratado como uma forma de pensar, entre várias; uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. Enfim, trata-se de transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e as sociedades em que se vive." (BRASIL, 2018, p. 401)

entanto, a Coluna se limita ao seu sujeito? O contexto de mudanças e impactos só se limita a sua figura? O movimento é apenas uma alegoria de sua pessoa?

Nessa perspectiva, outro ponto crucial é que alunas se enxerguem na história e na própria luta civil. Demonstrar que elas lutaram durante muito tempo no teatro de lutas civis, traz a pluralidade e a ideia de união por uma causa comum. Hoje, as mulheres são maioria no contexto de população no Brasil, mas sua participação em cargos políticos, está bem abaixo para esse contingente e, deve-se ao fato de que, por muito tempo, foram negligenciadas na História. Assim, à luz do presente, enxergando-se as lutas femininas dentro da História do Brasil na marcha da Coluna pode transcorrer mudanças futuras na ocupação de cargos públicos.

Outro fator essencial a compreensão final é o entendimento das dicotomias de narrativas e as disputas pela imagem da Coluna e, por quais “maquiagens históricas” esse movimento passou, se adequando aos mais variados contextos. A Coluna em si, ocasionou na época impactos tão grandes que até mesmo o conceito de vilão ou heroico confundiu-se na época, e isso se demonstra ao presente, que muitos vilões caracterizados em discursos de nossa época talvez não tenham toda a vileza, e nem os diversos heróis construídos são de fatos tão heroicos, desse modo, traz-se a perspectiva de um diálogo sobre essas construções.

Nesse contexto, desmitificar a ideia dos heróis e inimigos do Estado é essencial, onde se entende que o presente está também sobre o cunho dessas dicotomias acerca de vilão e herói, a exemplo da época, o cangaço tão inimigo do Estado, acabou por aliar-se nos combates contra a Coluna Prestes²⁴, ou seja, há uma construção desses conceitos para cada situação histórica.

Em suma, o contexto da Coluna Invicta dentro de sala é importante para essas compreensões, para desmitificação de ineficácia das classes civis, para desconstrução de narrativas, para o entendimento de que o estudante é protagonista de seu tempo e de sua história, que exerce força de pressão, que produz efeitos dentro de seu tempo e na dinâmica de poder.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. São Paulo: brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUDZIACKI, Elídio Sérgio. **A Coluna Prestes**: desafios e resultados. Revista Dia a Dia Educação, Curitiba, 2006.

24. “Como relata Moreira Lima, secretário da Coluna, em seu livro ‘A Coluna Prestes: Marchas e Combates’: ‘foram assinaladas duas forças inimigas que se aproximavam, vindas de pontos diversos. Uma constituída por um batalhão da polícia paulista, comandada pelo major Arthur de Almeida, avançava de leste; e outra, formada pelos jagunços de Horácio Matos, procedia do norte. Prestes resolveu jogá-las uma contra a outra como fizera com Paim e Claudino, em Maria Preta, e com os cangaceiros de Franklin e Volnei e a polícia baiana nas proximidades de Brejinho. Para isso, mandou levantar acampamento pela meia-noite, deixando alguns homens encarregados de provocar esse encontro, e marchou em direção ao lugar de Santa Rita. Os inimigos satisfizeram a sua vontade, empenhando-se em encarniçado combate, que durou desde a madrugada até as oito horas da manhã de 2, tendo perdido uns duzentos homens’.” (LIMA apud CARRION, 2014, p. 12).

- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- CARRION, Raul. **Coluna Prestes: 90 anos**. Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2014.
- CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, Maria Meire. **Mulheres na Marcha da Coluna Prestes: Histórias que não nos contara**, OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 356-369, 2015.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 7ª ed. São Paulo: Unesp, 1999.
- ESCLARÍN, Antônio Perez. **Educar valores e o valor de educar: parábolas**. São Paulo: Paulus, 2002.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Nacional, 1965.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GOMES, Angela de Castro. **O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 31-58.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Braziliense, 2008.
- LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- MATOS, Júlia. **A inversão da Imagem da Coluna Prestes na imprensa: De revoltosos para heróis**. PUCRS, 2004, p.184-192.
- NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. **Narrativas culturais dos sertões: Atuação dos intelectuais na construção de narrativas historiográficas piauienses na emergência do século XX**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 11, n. 1, jan.-jul., 2018, p. 25-41.
- NEGRO, Antônio Luigi. **Paternalismo, populismo e história social**. Cad. AEL, v.11, n.20/21, 2004.
- NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o Século XX. In: **O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)**. Org. FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 12- 40.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história, a problemática dos lugares**. São Paulo: departamento de História, PUC, 1993.
- POLLACK, Michael. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Uma epopeia brasileira: a coluna prestes**. São Paulo: Moderna, 1995.

RUSEN, Jorn. **Consciência Histórica como tema da didática da História**. Revista Méti: História e Cultura, v. 19, n. 38, 2020.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004

SOUZA, Rafael Policeno de. **A Coluna Prestes: uma abordagem necessária**. Revista Historiador, nº 03, ano 03, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>>. Acesso em 19 nov. 2021.

VEYNE, Paul. Teorias, tipos, conceitos. In: _____. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UnB, 1998. p. 97-115.

XAVIER, Mateus Fernandez. A Coluna Prestes e seus impactos nas relações internacionais do Brasil. Revista Crítica Histórica, Maceió, Ano V, nº 9, julho/2014. Acesso em 18 nov. 2021.